

**Falando de feminismos...  
corpos, espaços e ressonâncias!**

**Speaking about feminisms ...  
bodies, spaces and resonances!**

*Nivia Ivette Núñez de la Paz*<sup>1</sup>

**RESUMO**

O artigo deseja ser uma reflexão feminista-pedagógica pautada pela metodologia feminista e a metodologia de pesquisa (Auto)biográfica. Trabalhando com as categorias: corpo(s), espaço(s) e ressonância(s) e estabelecendo um entrecruzamento entre elas e o cotidiano vivido pelas mulheres, denuncia as estruturas machistas, sexistas e patriarcais nas culturas e nas sociedades, independentemente de socialismos ou capitalismo. O artigo é também uma aposta no reconhecimento da humanidade das mulheres e no respeito à dignidade delas como pessoas, sujeitas de direitos.

**PALAVRAS-CHAVES**

Feminismos. Corpos. Espaços. Ressonâncias.

**ABSTRACT**

The article wants to be a feminist-pedagogical reflection based on the feminist methodology and the (Auto)biographical research methodology. It works with the categories: bodies, spaces and resonances

---

<sup>1</sup> Doutora, mestra e licenciada em Teologia. Atua como docente e diretora de tese na FUNIBER, Barcelona, Espanha. É também docente do Centro de Estudos Anglicos-CEA, Brasil. Suas áreas de pesquisa são: feminismo, teologia feminista, violência contra as mulheres, políticas públicas, interculturalidade e direitos humanos. Faz parte do Grupo de pesquisa REGEVI – Faculdade Unida, Vitória, ES, do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Protestantismo – NEPP e do Grupo de Pesquisa de Teologia Pública em Perspectiva Latino-Americana, ambos nas Faculdades EST. Contato: nivanpaz@yahoo.com.br.

and establishing a cross-link between them and the daily life lived by women, denounces the sexist, patriarchal and sexist structures in cultures and societies, regardless of socialism or capitalism. The article is also a bet for the recognition of the humanity of women and respect for their dignity as people, subject of rights.

### **KEYWORDS**

Feminisms. Bodies. Spaces. Resonances.

Quieren que se los cuente otra vez? É com essa interrogação que a feminista e antropóloga mexicana Marcela Lagarde conclui a maioria das suas falas pedagógicas<sup>2</sup>. Seria assim como, “se você quer (no sentido de precisar), eu conto de novo”. Recontar implica um exercício de dupla-reflexão, de disposição ao diálogo, de paciência, de serviço, de entrega, mas principalmente um exercício por excelência pedagógico. Recontar é confirmar que, para mim, é tão importante que você conheça, que você entenda, que você se aproprie disso, que não penso em horários para colocar um final na minha arguição. Que não me preocupa o tempo que minha explicação precise e, sim, que você entenda, que se aproprie da minha fala até sentir ressonância sororal nela.

Mas... de que fala Marcela? O que seria sumamente necessário conhecer e entender? De que deveríamos apropriar-nos em qualquer canto do mundo? Que é aquilo que precisa de uma ressonância sororal? Marcela fala dessa parte da humanidade que, por muitos séculos e ainda hoje, foi diminuída, ameaçada, silenciada, objetificada, apagada, condenada a não existência, ela fala das mulheres, das humanas. Marcela resgata a sujeita, problematiza as relações e, ao mesmo tempo, dignifica. Dignifica ao contar e recontar porque essa parte da humanidade sempre escutou “É

---

<sup>2</sup> Essa pergunta faz parte da pedagogia argumentativa nas falas da Doutora Marcela Lagarde, exemplo: *Retos del Feminismo Hoy* <https://www.youtube.com/watch?v=5ISwRiY-RAk> (8:47). Nos últimos anos Marcela sempre fecha suas palestras com a frase feminista “Pela vida e a liberdade das mulheres”, no entanto continua fazendo uso da pergunta como forma de tencionar nosso conhecimento e, também, nossos argumentos.

melhor você nunca contar pra ninguém, só pra Deus...”<sup>3</sup> e quase sempre contar para Deus implicou e implica um: *não abra sua boca!* Ao contar e recontar Marcela, com sua voz e com seu corpo, se apropria do ato da fala, se apropria das palavras, se apropria do espaço (agora o público) e convida: *você também pode e deve!* Contar e recontar é ato que enfrenta a proibição das tradições e, simultaneamente, promove o empoderamento das mulheres.

Esse exercício feminista-pedagógico de contar e recontar pretende ser neste texto um resgate da memória. Fazendo uso da metodologia de histórias de vida, especificamente a (auto)biográfica<sup>4</sup> e trazendo partes de uma história concreta – a minha – pergunta por corpos, por espaços e pela ressonância, tudo isso no singular, mas se ocupa também com as dinâmicas de entrecruzamentos que entre tais palavras/conceitos podem estabelecer-se ou são necessariamente estabelecidas no cotidiano. Minha história e experiência estão marcadas basicamente por dois países, Cuba onde nasci e cresci, e Brasil, onde resido há mais de 17 anos. Hemisfério norte e hemisfério sul, socialismo e capitalismo, ateísmo e religião, ilha e continente, espanhol e português isso todo faz parte de mim, das minhas perguntas, das minhas fundamentações, das minhas marcas. Essas dimensões, nada dicotomizadas, me identificam e me definem.

Enfermeira e Teóloga por vocação e Feminista por opção militante, acadêmica, política e reflexiva comportam minha biografia. Biografia carregada de dissimiles experiências que agora conto e reconto para reflexão. Família, cidades, escolas, consultórios, hospitais, presídios, igrejas, cada uma dessas palavras trazendo ressonância no meu corpo e tencionando a ressonância produzida em outros corpos que fizeram parte dessa caminhada, já quase de cinco décadas, nos diferentes espaços transitados e apropriados por este meu corpo. Corpo de mulher, com tudo o que isso implica, num mundo pensando e estruturado pelo *falo* e para o *falo*, num mundo “pintocêntrico” (aportuguesando o *Falocêntrismo*). Corpo de mulher em continua e eterna luta pela visibilidade,

<sup>3</sup> Walker, Alice. A cor púrpura. Tradução: Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Marco Zero, 1986, p. 8.

<sup>4</sup> Para conhecer sobre essa metodologia de pesquisa indico os textos produzidos nos diferentes *Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)biográfica* (CIPA).

pelo reconhecimento e, principalmente, pelo direito à existência entre – e como – iguais.

### **Meu corpo de mulher na dança cotidiana com outros corpos**

Cheguei a este mundo em 3 de dezembro de 1968, data em que se celebra o dia da medicina latino-americana em homenagem ao natalício de Calos J. Finlay, descobridor do agente transmissor da febre amarela. Nesse dia sempre há festa em Cuba. Em todas as instituições de saúde, o pessoal que trabalha nelas, passa a jornada em função dessa celebração, que geralmente acontece no final da tarde e entrada da noite. Parece que meu corpo, ainda no útero da minha mãe, tinha estabelecido uma relação tão gostosa com ela que, quando o corpo dela, com signos e sintomas, decidiu que era a hora do parto, a pessoa que agora escreve, simplesmente, não desejava sair. Demorei, conta minha mãe, que passando o dia todo no hospital da maternidade de Camagüey, e preocupada pela celebração da equipe médica e paramédica, só conheceu sua filha passadas as 17h.

Um corpo de mulher que chegava à ilha que tinha como regime um governo revolucionário, que já estava prestes a cumprir sua primeira década. Isso implica que o corpo de minha mãe e o meu, por meio do dela, tinha recebido um pré-natal de primeira e nesse primeiro ano, especialmente, teria consultas médicas obrigatórias todos os meses e um atendimento gratuito, que se prolongariam por toda a vida com relação a exames, vacinas e outros procedimentos. Um excelente cuidado com o meu corpo! Pode parecer, então, que a afirmação, tantas vezes feita pela filósofa e feminista Amélia Valcárcel: “Nascer mulher é estar condenada ao inferno diretamente”<sup>5</sup>, no meu caso, com aquela estrutura social, não teria aplicação. Seria o máximo se a isso é agregado que a própria revolução apregoava que não existia diferença entre mulheres e homens, ao mesmo tempo em que era garantida a inserção obrigatória do estudo para toda criança e a possibilidade de escolha de trabalho para qualquer cubana ou cubano.

Meu corpo teve a recepção de um lar. Esse lar, como a maioria deles em Cuba, representava a convivência de uma “família maior” composta

---

<sup>5</sup> VALCÁRCEL, Amélia. <https://www.youtube.com/watch?v=TQDM34iJJeM>.

de várias gerações, que no meu caso foram: mãe e pai que não ultrapassavam os vinte anos; uma vó e um vô pela parte materna que eram os donos da residência, e uma tia, irmã mais nova da minha mãe e da qual eu herdara o nome. Com tantas pessoas adultas ao meu redor, e sem nenhuma outra criança (minha única irmã só chegou quatro anos depois), meus primeiros anos foram rodeados de toda atenção. Meu corpo, nesse tempo, ocupava durante o dia o espaço da casa (grande, com um pátio que tinha árvores frutíferas e um cafezal, que tinha vários animais) e, também, o espaço da escola (que ficava a uma quadra da casa e era o lugar onde minha mãe trabalhava como professora). Essa escola significava para mim outra casa e outra família. Caminhei rápido e falei “bem cedo”, contam que falava tanto que chegava a cansar, e gostava de falar com conhecidos e desconhecidos que passavam por nossa porta ou que chegavam à escola.

Aos quatro anos iniciei o pré-escolar e foi, então, que o inferno da fala de Amélia fez entrada na minha vida. Disso guardo lembranças muito nítidas porque naquele cotidiano, tão cedo, se gestou minha incomformidade. Hoje eu diria, com absoluta convicção, se gestou meu feminismo. Foi na escola que meu corpo começou a ser moldado segundo a estrutura cultural e social, foi nela que a cobrança por fazer parte da receita preparada para as mulheres começava a disciplinar meu corpo, meu eu. Importante destacar que era a mesma escola (minha outra casa, minha outra família), mas era eu, era principalmente meu corpo, que começava a mudar e essa mudança implicava as primeiras restrições, iniciando pelo uniforme.

O uniforme para as meninas não tinha opção de saia ou short. Até chegar ao pré-universitário o uniforme das meninas, em Cuba, é obrigatoriamente uma saia. Uma saia que obrigava a fechar as pernas a toda hora e a cuidar, porque não se devia “mostrar” e éramos responsáveis por esse cuidado. Uma saia que dificultava correr, pular e subir nas árvores. Uma saia que era o início das diferenças, das vantagens, das permissões e proibições, o início da falta de liberdade. Uma saia que minha mãe, agora fazendo parte da direção da escola, fazia questão que eu honrasse. Uma saia que, junto com a blusa, tinha a dupla função de ocultar e “proteger”. E esse era só o início, depois veio o sutiã com similar função e obrigatoriedade. Que horror, como se instala o inferno em nossas vidas!

Como são tiranizados nossos corpos de mulheres, nossos comportamentos. Como nos impõem uma responsabilidade para conosco e para com os outros, sim, porque se você abria as pernas, com aquelas saias, e o menino olhava, você era a única responsável.

E era assim que entrava a normativa da sexualidade, não aos toques, não aos beijos, não às carícias. Agora, também, toques, beijos e carícias tinham lugares do corpo permitidos, pessoas permitidas e espaços permitidos. E para você ser “do bem”, para você estar de acordo com o que escola, psicologia, vizinhança, cidade, sociedade e país dizem que é o normal, você precisa cumprir estritamente o preceito para seu corpo. Se você não cumpre: julgam, separam e condenam. E com a questão da sexualidade a regulamentação, a repressão e a dinâmica com que se dão as relações são ainda mais perversas, porque ao mesmo tempo em que adultos “incentivam” uma aproximação dos corpos masculinos e femininos, ainda crianças, também podam a possibilidade de gesticular e de expressar aquilo que se sente. Você aprende que há coisas sobre as quais é melhor não perguntar, não conversar, que há coisas que é melhor que “andem ocultas”.

Então, também a língua – órgão de teu corpo – precisa ser domesticada. Justo no momento de aprender muitas palavras, de articular novas frases e de expressar novas ideias que chegam como resultado da nova fase educativa e, principalmente, pela alfabetização (alfabetização que a leitura te permite e, portanto, a entrada a muitos outros mundos do saber) a língua é impedida de funcionar. Para ela também tem momentos e espaços definidos e estabelecidos. Sempre há uma professora ou uma pessoa adulta que “corrige” até você interiorizar, até você aprender que essas são as falas certas de menina, que esse é o tom de voz preciso para uma menina, que esses são os gestos certos para uma menina. E é desse novo “cuidado” e dessa nova “correção” com a fala, com o corpo e com seus gestos que se derivam suas futuras escolhas. Escolhas que, também, se espera que sejam dentro da norma e do permitido, do considerado normal.

E o corpo continua em pleno desenvolvimento. E para as mulheres se intensifica o inferno que se iguala com casa, esse que é o lugar ideal, reservado e permitido para quem tem vagina. E visitar, para brincar com suas amigas, começa a ganhar restrições, e já pensar em visitar meninos

é praticamente missão impossível. E seu corpo, além da escola, é cobrado por outros “importantes” aprendizados, os aprendizados do lar, que incluem sempre estar disposta para aprender (misturando uma dose de felicidade no seu rosto) a cozinhar, costurar, faxinar, passar roupas, etc. Aprendizado esse que chega unido à consigna sagrada: “aprenda bem porque senão você não vai casar”. E uma vez aprendido, inicia a exigência que vem para moldar também o comportamento e para apurar a perfeição. E nesse momento você se descobre cheia de pelos no corpo, mas aprende também que, para você que tem vagina, isso não é lindo, não é saudável, não é permitido, então... deve depilar, não mostrar e apenas conversar sobre tal tema. Assim como: faça de conta que pelos não existem.

Essa etapa dos pelos é a etapa em que você também aprende que assim como domesticou sua língua e cuidou dela e de seu corpo, agora você tem outra parte a zelar, que é o hímen. Invisível mas muito importante porque disso depende “sua honra” e, pior, “a honra de toda a família”, e você, menina-mulher, é de novo a maior responsável. Esse tal hímen, membrana pouco explicada e conhecida, é sua carta de apresentação, seu maior juiz, e a “coisa” pela qual será perguntada e questionada a toda hora, porque mesmo sendo parte de seu corpo querem que você pense que não é muito sua, que na verdade é algo que você terá de oferecer (dar de presente) ao outro. Com relação ao corpo, ensinam que está em nós, mas quase que não nos pertence, segundo a norma social.

E a importância do hímen vem pela sua função de guardião de algo mais “sagrado” vagina-útero. Agora, em pleno desenvolvimento, seu corpo expulsa para o exterior aquele óvulo não fecundado, e aparece a primeira menstruação. E nesse processo todo, você sabiamente recebe da mãe natureza novos desejos, novas sensações, novas transpirações, novos fluidos, novos odores. Só que tanta novidade não ganha igual proporção à hora de ser falada, contada... mais uma vez essa menina-mulher aprende que isso é coisa do pessoal, do privado, que não requer muita conversa, que é melhor não contar, que é preciso dissimular e guardar silêncio. Nosso cárcere inumano e cotidiano se aprimora e se intensifica nessa etapa. E agora assim, bem moldada, você está pronta para continuar sua vida e se dar bem, caso siga ao pé da letra toda a receita estrutural estipulada social e culturalmente para o corpo.

## Meu corpo de mulher transitando, ou não, nos múltiplos espaços

E esse manual de instruções que não precisa de escrita e que funciona maravilhosamente com uma tradição oral de séculos seria só capitalista? É mesmo uma questão de sistema político, econômico, social? A Marcha Mundial das Mulheres afirma: “Em marcha até que todas sejamos livres”, mas alude ao capitalismo, por quê? Qual foi a escrita lida sobre o socialismo que invisibilizou o cotidiano das mulheres no próprio socialismo? Que invisibilizou essa luta contra o machismo pouco contada? Que invisibilizou suas múltiplas jornadas “voluntárias” nos espaços privados garantidos e nos espaços públicos “conquistados”? Onde ficam as várias violências (físicas, psíquicas, sexuais, morais, patrimoniais...) que as mulheres enfrentam no socialismo? Qual é essa nova mordaza que os espaços colocam para essa nova mulher da dita nova sociedade?

Enfermeira e Teóloga transitando dissimiles espaços, entre o permitido e o proibido, entre o que se legitima como profano e sagrado, entre o que se fala e se silencia... pelo bem! (pelo bem de quem?). Com o corpo marcado (e julgado) pelas palavras/adjetivos *Putá* e *Santa*, e aqui sim a dicotomia chega para tencionar, para optar, para poder viver e, principalmente, para sobreviver. E de novo os protótipos de Eva ou Maria postos na vitrine da vida para escolha, mesmo num país que se reconhecia ateu. Quanta hipocrisia envolvendo o cotidiano marcado pelo cacarejado Deus macho do céu e os deuses machos da terra! Machos que são tidos (e muito pior, acreditam ser) sábios, heróis, salvadores, brilhantes e infalíveis juízes *em* e *dos* diferentes espaços. Machos inimigos e machos “amigos”, e será que em nosso inferno de vida existe tal distinção? Tem quem acredite, eu não! Onde tem um pinto (falo) tem grandeza e superioridade outorgada e legitimada, e essas não estão em negociação quando a negociação é com vaginas. Em todos os espaços as vaginas são tidas “de segunda”, assim reza a tradição e assim acontece. Isso se da de um lado e do outro lado do equador, no meu norte socialista e no sul capitalista em que moro. Tudo “igualzinho”, diria eu.

Lar, escolas, seminários, hospitais e penitenciárias, países e fronteiras – meus espaços – quanta diferença, quanta semelhança! Quanta luta de poder entre seres humanos esses espaços abrigam. Como e por que essa luta é encoberta e dissimulada em muitos dos casos? Qual nosso



lugar nas relações como mulheres, entre mulheres e com a outra parte da humanidade? Essa outra parte da humanidade que detêm a supremacia, que ocupa a maioria dos espaços de legislação e decisão, que recebe os melhores salários e à qual são feitas, desde a ética e a moral, as menores cobranças. Esses corpos machos que tem poder sobre os outros corpos que são diferentes (só diferentes, para nada inferiores). Quais são nossas verdadeiras conquistas como mulheres que tem lutado por gerações para mudar nossa existência nos espaços públicos e privados? Quais são as esmolas que recebemos diariamente fantasiadas de conquistas?

Em outubro do ano de 2016, mulheres feministas de varias partes do mundo nos foram juntando no espaço virtual, desafiando fronteiras, para fomentar e construir juntas uma Paralisação Internacional de Mulheres (PIM), marcada para o dia 8 de março de 2017. Meses intensos, com uma militância e uma articulação tão capaz e forte que permitiu o sucesso da Paralisação a nível mundial, com pautas locais e regionais, mas unidas todas no enfrentamento à violência contra as mulheres, luta e enfrentamento contida na frase (convite/chamada/interpelação): “*que pare o mundo porque nos estão matando, que pare o mundo porque não funciona sem nós (mulheres)...*”! Século XXI, ano 2017, que não se esqueça! A nossa principal luta continua sendo a luta pela vida!

E se não podemos entender bem o porquê disso, voltemos às pioneiras de todas as latitudes, continuemos a aprender com elas. Qual a diferença – com relação à vida – entre o cotidiano e a denuncia de Mary Wollstonecraft, de Virginia Woolf, de Simone de Beauvoir, de Alice Walker, de Michelle Perrot (entre muitas outras), e nosso cotidiano e nossa denúncia? Como nossa vida, nossa dignidade como humanas, nossa cidadania podem ser, e são, ignoradas, burladas, negociadas, contrabandeadas, mutiladas e massacradas? Que espaço global é esse que não permite nosso reconhecimento, que não permite nossa existência? Quem controla esse espaço global, quem dita as regras? Quem estipula que uma parte da humanidade tenha que viver de esmolas, agradecendo pela sobrevivência em cada geração?

Para viver, para que as mulheres tenham uma vida digna é necessário o *Feminismo* (os feminismos), é necessário o *Empoderamento*, é necessário entender a importância da categoria *Gênero* e seus desdobramentos, é necessário buscar ressonância, uma *Ressonância Sororal* com

essas e outras palavras/conceitos feministas. É necessário que, como mulheres, façamos essas apropriações e, principalmente, que não permitamos que os outros diminuam ou deturpem o significado e a grandeza que tais palavras/conceitos têm *em e para* nossas vidas.

### **Meu corpo de mulher e o peso das ressonâncias**

Nada é por acaso! O que estamos vivenciando hoje no mundo, na América Latina, no Brasil, com relação às vidas das mulheres (violências, desaparecimentos, tráfico, feminicídios...) tem sustentação, como sempre tem tido, no patriarcalismo, no androcentrismo, no machismo, no sexismo (e outros tantos “ismos”) que imperou e imperam em nossas culturas e sociedades. Muito pouco mudou e as “vitórias” conquistadas pelas mulheres seguem as danças pautadas pelo vaivém do poder do macho (como o caso da recente aprovação e da legitimidade, por parte do governo Russo, de que “uma vez por ano” o homem pode, tranquilamente, bater na mulher; Ou as muitas negociações, hipócritas e marcadamente pintocráticas, pela legalização ou não do aborto nas diversas partes do planeta).

A teoria feminista nos oferece vitais ferramentas: a *hermenêutica da suspeita*, o *cotidiano e a experiência* das mulheres como lugar/ espaço privilegiado para implementar essa suspeita, e um *processo de desconstrução-reconstrução* para aplicar em nossa vida, em nossas interpretações e reflexões, em nossas ações e relações, processo que deve ser contínuo e deve durar a vida toda. No mundo, há séculos as estruturas estão dadas e elas não foram pensadas por nós mulheres, nem para nós... entramos e permanecemos nelas pela luta e não as abandonamos pelo compromisso com a necessidade de liberdade e de justiça, porque entendemos que somos parte desta humanidade e, como parte, temos nosso direito à vida digna.

Cientes de que se trata de uma luta muito desigual, na qual temos que lutar com quem pensa e faz desde a superioridade androcêntrica e contra nós mesmas, produto da formação que recebemos e pela qual somos cobradas (uma formação nos moldes machistas), precisamos pensar e tencionar nosso ser e nossas relações com os homens e com as

próprias mulheres. É nesse pensar e tencionar que desconstruímos tudo aquilo que minimiza ou invisibiliza para reconstruir pensando na possibilidade de relações de igualdade, relações humanizadas. É nesse pensar e tencionar que também colocamos nossa suspeita, ou melhor, é com suspeita que pensamos e tencionamos. A suspeita nos permite burlar a ingenuidade e driblar a conformidade. É com a suspeita que a História pode ser melhor entendida, os silêncios, as manipulações e os ocultamentos dessa história oficial e, a partir dessa nova compreensão, pensar em outras estratégias e ações.

Quando se fala em feminismo, empoderamento e gênero, que ressonância essas palavras tem entre nós, que ressonância elas tem para as outras pessoas? Quem, como e com qual intenção essas palavras são trazidas para nossos cotidianos? Que há detrás da aceitação ou reprovação? Que se quer quando se deturpam seus significados ou, pior, quando se demonizam? A quem beneficia algo assim? Todas essas perguntas surgem de nossa suspeita feminista. Temos assistido nos últimos anos a uma exacerbação do uso desta terminologia fora dos espaços militantes e acadêmicos em que nasceram e continuamente são refletidas. Essa “nova moda” de falar de feminismo, de empoderamento, de gênero, assim como da sororidade e outros importantes conceitos, principalmente querendo desqualificar, subtrair importância, instaurar um sentido de banalidade com relação a sua compreensão e aplicação não é tão “nova” e merece toda nossa atenção, a “nova moda” não é resultado do acaso e, sim, de uma estratégia bem pensada. Estratégia que é um novo tipo de violência contra as mulheres, principalmente contra aquelas que militam e são vanguardas do feminismo.

Assim como a palavra/conceito “comunismo” foi usada, abusada, deturpada e ganhou especial ressonância (bem dicotômica ao meu ver) em décadas do século passado e até hoje, para muitas pessoas, escutar “comunismo” é como escutar falar do “bicho papão”. Mesmo quando elas nunca tenham lido nenhuma obra sobre esse tema e tenham pouco ou nenhum conhecimento além da palavra em si, a repulsa é instantânea e isso não é fruto do acaso. Essa estratégia é similar à utilizada no ano passado na América Latina e no Brasil (por parte da direita e de setores ultraconservadores do âmbito religioso) com relação ao que tais grupos denominaram “ideologia de gênero”. E olha se a velha estratégia

cola bem na nova roupa (lógico por falta de conhecimento histórico e reflexão) que a tal “ideologia de gênero” foi decisiva no plebiscito da Colômbia no processo de Paz e, no caso do Brasil, teve muita influência nas eleições em todas as instâncias, chegando a ser “gênero” palavra proibida nos documentos do âmbito educacional. Tamanha ignorância para não enfrentar e para aceitar essa manipulação e imposição e, o que é pior, as repercussões que tal estratégia gera. Esses fatos não podem passar despercebidos para as feministas nem para sua discussão acadêmica.

Precisamos sim, e com urgência, de uma ressonância sororal. A ressonância é aquilo que sinto quando escuto, é aquele sentimento de aceitação ou rejeição que tal palavra produz em mim, aquele diálogo que meu eu estabelece com a palavra escutada. Essa ressonância vai depender do diálogo pessoal que a minha história de vida e a caminhada acadêmica tenha com essa palavra dita e escutada. De uma ou outra maneira todas as pessoas experimentam a ressonância. Ressonância não é eco, não é uma repetição vazia da palavra, de seu som, ressonância é o sentimento que ela produz, sentimento que vem do processo que estabeleço com o significado que a essa palavra outorgou, e sentimento que vai gerar, em mim, uma determinada ação. A sororidade, como bem expressa nossa companheira Marcela Lagarde, é nosso sentimento de respeito, de compreensão, de pacto entre mulheres, não porque pensemos iguais com relação ao machismo em nossa vida, senão porque nos sabemos iguais e isso significa que se você como mulher é machista (reproduz o machismo), eu como feminista sou sórica a você, não porque compactue com seu argumento e sim porque penso e entendo que ainda você precisa de um processo de liberação, que ainda você não compreendeu sua opressão, e por tal razão precisa da minha sororidade. A sororidade entre feministas é práxis, entre feministas com outras mulheres que negam ou deturpam o feminismo é necessidade. Ser sóricas representa estar cientes de ser e pertencer à parte menosprezada da humanidade, e por isso tentar manter uma atitude diferente com a outra. Sabendo que não temos que ser iguais, nem pensar iguais para lutar pelo nosso reconhecimento como humanas e como sujeitas da história.

Desejar uma ressonância sororal implica entrar em processos de diálogos, processos de aprendizados, processos pedagógicos e políticos. A ressonância sororal é parte de nosso processo de desconstrução e

reconstrução do mundo, mas especialmente com as mulheres. Ressonância sororal é sentimento que supera qualquer argumento da razão, é buscar a *sophia* da vida e, a partir dela, criar novas estratégias e caminhos de libertação, não universais e sim respeitando cada contexto particular num tempo preciso. Conseguir uma ressonância sororal significa que a palavra feminismo não pode causar estranheza ou repulsa na outra, que quando se escuta falar de empoderamento se entende como um processo necessário e sem final para todas nós, que quando escutamos gênero pensamos naquela ferramenta que ajuda a refletir, a entender, a distinguir o natural daquilo que é social e culturalmente construído e, portanto, passível de transformação. Não como um eco ou como um mantra, e sim com a sabedoria criando e recriando múltiplas estratégias que auxiliem na humanização da vida, na dignificação da vida.

Quieren que se los cuente otra vez?

### Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução Sérgio Milliet. 3<sup>ra</sup> ed. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. 3<sup>ra</sup> ed. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- LAGARDE, Marcela. “Retos del Feminismo Hoy”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ISwRiY-RAk> (8:47)>.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2<sup>da</sup> Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- VALCÁRCEL, “Amelia”. <https://www.youtube.com/watch?v=TQD-M34iJIeM>. Aceso em: março, 2017.
- WALKER, Alice. *A cor púrpura*. Tradução: Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.